

A Gênese da Sociedade Tecnologia: Técnica, Ente Tecnológico e o Consumo.

Leonardo de Souza Torres Soares.¹

Adriano Gonçalves Laranjeira.²

Resumo O presente artigo se propõe a uma análise do surgimento da sociedade contemporânea, especialmente no que diz respeito à sociedade e sua relação com o consumo tecnológico. Para tanto pretende o resgate dos conceitos de técnica e tecnologia e o seu desenvolvimento na História da humanidade, para assim comentar sobre o atual estado de consumo tecnológico do mundo. Este trabalho se fará sob a luz dos escritos de Vilém Flusser, em “A História do Diabo”, Malena Contrera com a teoria da Mediosfera, Jorge Miklos em seu livro “Ciber-religião” e, por fim, Baitello Jr e Maurício Silva desenvolvendo a teoria dos Vínculos Hipnógenos.

Palavras-chave: Sociedade; Sociedade de Consumo; Tecnologia; Sociedade Tecnológica.

1. Da Técnica à Tecnologia

¹ Possui graduação em Comunicação Social - Publicidade e Propaganda pela Associação Educacional Dom Bosco (2014). Atualmente é aluno bolsista CAPES no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Paulista. Tem experiência na área de Comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: comunicação e cibercultura. E atualmente estuda tecnoreligiosidade, ciber-religião, estudos do imaginário e cultura midiática.

² Possui graduação em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (2006). Pós Graduação Lato sensu em Docência do Ensino Superior e é aluno do Programa de Pós Graduação Strictu Sensu em Comunicação pela Universidade Paulista - UNIP (2014). Atualmente é professor da Universidade Paulista. Tem experiência na área de História, Sociologia, Antropologia e Comunicação.

A origem mitológica grega do termo “técnica”, segundo Danielle Naves de Oliveira, se dá quando Prometeu rouba o fogo dos deuses e o entrega aos homens³. Mas o que significa o fogo, porque ele é tão importante para deuses e homens? Nas palavras do próprio Prometeu:

No entanto, a quem mais, senão a mim, devem os novos deuses as honras que desfrutam? (...). Ouvi, somente, quais eram os males humanos, e como, de estúpidos que eram, e os tornei inventivos e engenhosos. (...). Antes de mim, eles viam, mas viam mal; e ouviam, mas não compreendiam. (...) Não sabendo utilizar tijolos, nem madeira, habitavam como as providas formigas, cavernas escuras cavadas na terra. Não distinguiam a estação invernososa da época das flores, das frutas, e da ceifa. Sem raciocinar, agiam ao acaso (...). Inventei para eles a mais bela ciência, a dos números; formei o sistema do alfabeto, e fixei a memória, a mãe das ciências, a alma da vida. Fui eu o primeiro que prendi os animais sob jugo (...). Ninguém mais, senão eu, inventou esses navios que singram os mares, veículos alados dos marinheiros. (ÉSQUILO, 2005, p. 31-32).

É, assim, graças a Prometeu, ou a entrega do fogo aos mortais, que o homem consegue sua sobrevivência na Terra e a subordinação da natureza e dos animais às suas vontades. Era a *poiesis* grega, ou seja, a capacidade de produção de objetos de forma criativa⁴ e, durante muitos séculos, foi essa a orientação dos homens ao transformar a natureza de acordo com sua vontade.

Existem vários exemplos na História em que o homem utilizou de seus conhecimentos, de sua criatividade para dominar a natureza e fazê-la de acordo com sua vontade, trabalhando em seu favor. Os antigos egípcios conseguiram desenvolver uma agricultura, que foi a

³ OLIVEIRA, D.2014, p. 439-440

⁴ Segundo Neder (2010), “*Poiesis* é a atividade prática de fazer. Dela os seres humanos se ocupam quando produzem algo. Chamamos o que é criado de artefatos e incluímos entre eles os produtos da arte, do artesanato e os da convenção social. ”

base da construção de seu império, através da observação das cheias e vazantes do rio Nilo e da construção de canais de irrigação para as terras secas. Da mesma forma os romanos conseguiam abastecer de água suas cidades utilizando-se de aquedutos. O uso de arado e da irrigação por monges no século XII promoveu um grande aumento na produção de alimentos. Na Europa moderna foram criados sistemas de moagem de cereais tendo como força motriz os rios.

Ainda no continente europeu, temos o uso do vapor de água como “energia” motriz das máquinas na Era Industrial. Atualmente, através de técnicas mais avançadas, consegue-se extrair água potável do que se chama de água morta nos reservatórios de abastecimento.

Há, porém, que se fazer uma pequena, mas fundamental, diferenciação entre o uso dessas técnicas pelo homem. Enquanto egípcios, romanos, monges medievais e homens modernos utilizam a técnica com o objetivo de dar “um novo sentido ou uso”⁵ à natureza sem exaurir seus recursos; os homens da indústria e contemporâneos utilizam da técnica para submeter o meio ambiente às vontades humanas de forma que esta se torna “um instrumento de transformação irreversível”⁶ da natureza e do meio em que vive o homem. Evidencia-se aí a diferença básica no emprego e nos limites que o homem segue ao fazer uso da técnica na transformação da natureza.

(...) a técnica, com efeito, é uma forma de saber que o homem se serve para produzir o que a natureza não lhe proporcionou espontaneamente, mas sempre de forma variável e dentro de certos limites, sugeridos ao homem por esta própria natureza.

(RUDIGER, 2014, p. 442)

Percebe-se que é ainda a natureza que detém o controle sobre sua utilização. Ao homem cabe, com certos limites, o uso dos recursos naturais para a realização de seus próprios objetivos, ou seja, a técnica. Por outro lado, temos a utilização da natureza sem

⁵ OLIVEIRA, D.2014, p. 439.

⁶ Idem.

limites, sem pudores e essa forma de se aproveitar do meio ambiente indiscriminadamente recebe o de tecnologia.

O termo tecnologia surge no final do século XVIII e é definido por Lamprecht como “a ciência fabril que ensina os fundamentos e meios pelos quais se podem explorar os elementos naturais” (Apud RUDIGER, 2014) (grifo nosso). Diferente da técnica, a tecnologia não prevê e não obedece a limites para o seu uso, explorar a natureza é o que se pretende e o que se espera a partir daí.

Importa-nos agora compreender como se dá esse processo de mudança na forma como o homem se utiliza da natureza e do meio ao seu redor, a saber, a mudança do uso da natureza para a exploração da natureza, da técnica para a tecnologia. Para tanto faremos uso do pensamento do filósofo checo Vilém Flusser exposto, principalmente, no livro “A história do diabo”.

Em “A história do diabo”, Flusser propõe narrar e analisar a epopeia do ser humano, desde o surgimento dos menores organismos vivos até a irrupção de sociedades complexas, sob a perspectiva do diabo. Para tanto, ele se utiliza dos 7 pecados capitais como linhas norteadores dessa narrativa, a saber, Luxúria, Ira, Gula, Avareza, Inveja, Soberba e Preguiça.

No meio do campo de batalha entre Deus e o diabo encontra-se o ser humano. Para Flusser, o homem tem mais a ganhar com uma vitória do diabo, pois ele representa o progresso, o desenvolvimento humano, a evolução tanto da espécie quanto das sociedades humanas. Por outro lado, Deus personifica o intemporal, o eterno, ou seja, o “puro ser” fora e a salvo do mundo dos fenômenos e pretende salvar o homem e transportá-lo para esse não tempo. O diabo conserva a temporalidade do mundo fenomenal, pois quer destruir a obra do divino.

A nós interessa, nesse momento, a Ira e a Gula. Sobre a ira, Flusser nos fala:

A primeira nova frente, aberta pelo diabo na sua guerra pelo domínio absoluto, é a frente chamada ‘ira’. [...]. Abre mão do seu método luxurioso da tentativa e erro, e recorre ao método severo e

irado das ciências exatas. [...]. É pela ciência doravante que espera vencer a guerra. (2008, p. 103-104).

Por Ira entendemos a ciência criada pelo homem e ela é a responsável por conhecer o mundo dos fenômenos.

Tomada de raiva pelas limitações que o tecido do mundo fenomenal opõe à luxúria, põe-se a ira a reorganizar sistematicamente esse tecido. Como primeiro passo dessa reorganização, pesquisa e analisa tal tecido. (FLUSSER, 2008, p. 105).

A qual “tecido do mundo fenomenal” o autor se refere senão à natureza, o meio ambiente que cerca e condiciona o ser humano. É então função da Ira, ou da ciência, compreender para reorganizar a natureza para que ela não imponha mais limites aos seres humanos.

É com o surgimento das ciências da natureza, física e biologia, que o homem começa analisar a natureza. O resultado deste estudo é o conhecimento libertador sobre o meio, agora não há mais limites sobre o que o homem pode ou não modificar através de sua técnica ou tecnologia, se levado em conta o suporte científico.

[...] conviria que se definisse a tecnologia como o conhecimento operacional que designamos pelo termo técnica, mas só na medida em que esse conhecimento se articula com a forma de saber que chamamos de ciência e que ambos, formando um conjunto, projetam-se sobre o mundo como força material e espiritual que visa refazer ou reconstruir todas as áreas de acordo com os princípios que regem a construção e o funcionamento dos maquinismo. (RUDIGGER, 2014, 442-443).

Segundo Contrera (2010), a utilização das ciências para o conhecimento do mundo natural acaba por “desencantar” esse mundo moderno, desabrigando dele todo e qualquer vestígio de ação divina. Sem a relação entre o divino e o natural, desconstruída pela ciência, o

homem pode servir-se da natureza da forma que lhe convier. E a forma que lhe convêm é a industrialização.⁷

Através da Ira, ciência, o homem retira de Deus o poder sobre o meio que o cerca. É a compreensão dos processos físico, químicos e biológicos que regem a natureza que proporciona ao homem retirá-la do rol de criações divinas, ou seja, o processo de desencantamento do mundo.

É esse mundo dessacralizado, sem características divinas que servirá de palco para o surgimento da Revolução Industrial, da criação de máquinas, do uso indiscriminado da tecnologia. Neste momento emerge o segundo pecado capital, a Gula.

Para Flusser, a Gula é a tentativa de devorar o mundo conhecido, através da ciência, a expressão máxima do conhecer, de tornar real o mundo é o ato de devorá-lo. Devorar significa consumir o mundo e isto só é possível porque ele está agora dessacralizado, está “desencantado”. O mundo pós Era Industrial se torna o quintal do homem, a horta da humanidade, de onde ele retira tudo aquilo que necessita para suprir sua necessidade de consumo, sua “gula”, sem mais limites.

Gula para além da necessidade de comer, de transformar o mundo dentro de “limites”, é pecado porque é vício, não é a saciedade corporal, não é a necessidade fisiológica de suprir um organismo vivo. A Gula é uma constante e crescente necessidade de consumir, uma ânsia por devorar o mundo, o que pode amenizar, aplacar esse desejo, essa vontade. Nunca extingui-lo, pois o pecado enquanto elemento irracional é sempre maior, o desejo daquilo que ainda resta é infinito, é retroalimentado. “Gula é o prazer de devorar, o puro devorar pelo devorar, o devorar como atividade criadora da realidade”⁸. A Gula não para enquanto não vê o fim.

Quanto mais progredir, tanto mais se acentuará atividade consumidora.

[...]. O problema da gula é o consumo. Os produtos produzidos pelos

⁷ Argumentação fornecida por Malena S. Contrera durante a disciplina Mito, Mídia e Resiliência do PPG em Comunicação da Universidade Paulista, em São Paulo, abril de 2014.

⁸ FLUSSER, 2008, p. 125

métodos automáticos da gula jorram sobre a humanidade e ameaçam inundá-la e sufocá-la. Precisam ser devorados. (FLUSSER, 2008, p.128).

Como elemento irracional do ser humano, a Gula o é na medida em que o organismo não consegue mais digerir aquilo que consumiu. A quantidade ingerida é sempre maior que a capacidade do corpo de absorver o “alimento”. Enquanto estratégia do diabo, a Gula supera a Ira, ou a investigação científica, a partir do momento que os “instrumentos e máquinas” são devorados pelo homem. Esses são o resultado da busca incessante do homem, incentivado pelo diabo, para conhecer, compreender a realidade que o cerca, a natureza.

Para além do devorar constante da natureza, a Gula possui um outro lado, isto é, o expelir daquilo que foi consumido. O excremento do consumo exacerbado da natureza se traduz em máquinas, instrumentos, produtos e mercadorias a serem oferecidos aos humanos. Esses são o resultado da outra face da gula, ou seja, a tecnologia. “A gula tem portanto dois movimentos: a fome (conhecimento) e a digestão (tecnologia)” (FLUSSER, 2008, p.122).

A digestão da natureza consumida pela Gula tem consequências para a sociedade em geral, esta se torna uma sociedade voltada também para o consumo, mas o consumo da tecnologia sem se preocupar com o conhecimento da natureza. A sociedade tecnológica valoriza o funcionamento do objetos, dos instrumentos, dos aparelhos. Não há a necessidade de saber, por exemplo, como funcionam as baterias de celular feitas de Íon-Lítio ou as de Níquel-Cádmio, não é preciso compreender que as primeiras possuem uma maior capacidade de armazenar energia. O importante é saber qual delas pode ser usada por mais tempo.

Ocorre, assim, um movimento de retrocesso na sociedade tecnológica, ao mesmo tempo que ela tem à sua disposição produtos mais “modernos”, com mais recursos, há o descarte da necessidade de compreender o funcionamento dos mesmos. Pouco existe também de preocupação com os efeitos da fabricação desses produtos para a

natureza, afinal tudo retorna para ela, nem que seja em forma de produtos descartados ou lixo.

Impera nessa sociedade tecnológica uma necessidade por melhores resultados, por desempenhos mais eficientes de seus produtos, sem a compreensão de como eles funcionam. Um exemplo banal, como tantos outros que poderiam ser elencados, grande parte da sociedade contemporânea não compreende o processo de fabricação de um *smartphone*. O conhecimento técnico para o fabrico deste produto não interessa ao consumidor, questões de engenharia do *hardware*, o desenvolvimento da programação do *software*, tais informações são desnecessárias, desde que o *smartphone* supra suas necessidades como fazer ligações, usar a *internet* ou enviar mensagens.

A tecnologia, ou a técnica baseada na ciência, se torna distante do ser humano, este não compreende seu funcionamento. Para o indivíduo que consome o produto tecnológico pouco importa como ele foi construído desde que ele funcione para aquilo que se propõe. Esse indivíduo consumidor é a sociedade geral que vive na era da tecnologia.

Sendo assim, a sociedade é posta novamente sob o julgo de um ente, a tecnologia. Se antes do advento das ciências, o homem subordinava seus interesses à natureza, pois esta tinha uma ligação com as obras divinas, agora este homem, científico, submete-se aos desígnios da tecnologia. A tecnologia e seus produtos são vistos pelo homem como seres autônomos, são hipostasiados, ou seja, compreendidos como seres, são personificados e são eles que regem a humanidade.

2. O Ente Tecnológico e Seus Funcionários

Torna-se necessário traçar um entendimento sobre o ente tecnológico aqui apresentado e observar como ele está presente na sociedade. Conforme Miklos evidencia em seu livro “Ciber-religião”,

publicado em 2010, existem características divinas não-comunicáveis, isto é, a onipresença, onipotência e onisciência, que de certa forma estão presentes na tecnologia, tanto em *softwares* quanto em *hardwares*, um claro exemplo é o Google. Segundo o autor, tais atributos divinos desenvolvem-se ao ponto que tudo o que está na cibercultura é visto pelo Google de uma forma atemporal e simultânea. Os “rôbos” são capazes de rastrear qualquer site, categorizá-los, organizá-los para quando o indivíduo pesquisar, ele poder oferecer a melhor resposta e, por fim, consumir.

Trazendo esse pensamento, atualmente os *mobiles*⁹ tem aplicativos diversos, existem os das redes de sociabilidade, de comunicação direta por meio mensagens, os que controlam os exercícios físicos, o sono, os movimentos cotidianos, o que comer, o que vestir e entre outros¹⁰. Segundo Meeker (2013) os brasileiros gastam cerca de 149 minutos diários utilizando *smartphones*¹¹. A complemento, segue o gráfico:

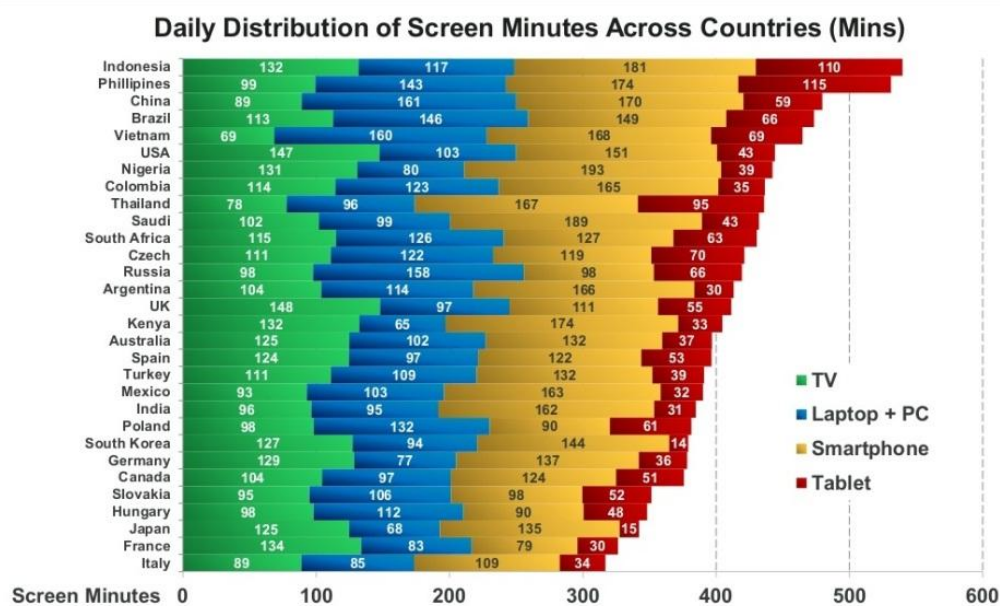


Figura 1 – Meeker, 2013

⁹ *Mobiles* são aparelhos eletrônicos móveis como Tablets e Smartphones.

¹⁰ A complemento, existe o Life Clock, um aplicativo do Apple Watch que informa quanto tempo o usuário tem de vida baseado nas informações que ele coleta do indivíduo.

¹¹ Veja em : <http://www.psaf.com/blog/quanto-tempo-brasileiro-gasta-smartphone/> Acessado 15-03-15.

Deve-se acrescentar que, novos aparelhos estão chegando no mercado, os *wearables*, ou seja, eles serão “vestíveis” (relógios, cordões, pulseiras, óculos). São desenvolvidos especificamente para desvincular o monitoramento, que pode ser feito por meio de *Hardwares* e *Softwares*, de atividade cotidiana¹² e de saúde dos *smartphones*. Estratégias estas elaborada visto que para as empresas de tecnologia visto que estes aparelhos já não estão o tempo todo com o seu usuário. E elas precisam conhecer mais do que 149 minutos diários dos seus clientes. Eis a onisciência.

No momento em que a tecnologia se hipostasia e torna-se invisível, ela torna-se tudo, onipotente. Como o homem não entende mais a tecnologia como uma ferramenta, ele permite a ela o poder de regê-lo e monitorá-lo. Steve Wozniak¹³ em sua última entrevista na *Australian Financial Review*¹⁴, posicionou-se da seguinte forma: "Se nós construirmos esses aparelhos para tomar conta de tudo, eventualmente eles pensarão mais rapidamente que nós e se livrarão dos humanos lentos para dirigir empresas de forma mais eficiente."

O parágrafo acima ilustra muito bem o que Flusser (2002) teoriza sobre a inversão homem-máquina. Na centralidade, encontra-se o aparelho, a máquina. E, em sua volta, orbita-se o homem. Apesar do autor admitir que graças à complexidade do homem não é possível defini-lo com precisão na contemporaneidade, ele chega a conclusão que “o homem que brinca com aparelho e age em função dele” é denominado “funcionário”.

Baitello Jr e Silva (2013) em uma interpretação deste pensamento de Flusser, mostram que o filósofo convida o leitor à perspectiva da existência de um vínculo¹⁵ específico entre homem e

¹² Atividade cotidiana neste ponto é entendida como tudo o que acontece no meio social do indivíduo.

¹³ Cofundador da Apple – Entusiasta em tecnologia e um dos primeiros desenvolvedores do computador pessoal na história da humanidade.

¹⁴ Veja em: <http://www.businessinsider.com/steve-wozniak-artificial-intelligence-interview-humans-family-pets-2015-3>

¹⁵ Segundo Houaiss (2001) vínculo é, dentre outras definições: (i) aquilo que ata, liga ou aperta (duas ou mais coisas); nó, liame; (ii) o que estabelece um relacionamento lógico ou de dependência; (iii) o que liga duas ou mais pessoas; relação; relacionamento.

máquina. A partir disso, os autores desenvolvem um trabalho ¹⁶ pontuando as características deste vínculo, denominando-o “vínculo hipnótico” (SILVA, 2013), o qual cria uma “conexão” entre funcionário e aparelho.

Detalhando ainda mais, os autores discorrem que o vínculo pode surgir a partir tanto de *softwares* como *hardwares* inseridos em determinado aparelho. Neste ritmo, é possível entender que o funcionário esteja predisposto a agir conforme seu aparelho. Na medida que ele toma seu *smartphone (hardware)* para interagir com o ciberespaço, por exemplo, nas redes sociais, ele já está limitado pelas funcionalidades que seu smartphone: a velocidade da internet, câmera e entre outros. E também, é limitado mais ainda em seu formato de interação nos *softwares*, no caso do Twitter, 140 caracteres para se comunicar. É importante deixar claro neste trabalho que além das limitações técnicas, existem as limitações da comunicação quando vistas na complexidade traçadas por Harry Pross, Norval Baitello Jr, Edgar Morin e entre outros, entretanto não cabe a proposta deste artigo discuti-las.

É interessante trazer Baitello Jr e Silva (2013) quando concluem que os vínculos, homem-máquina e os vínculos criados em rede são superficiais, pois estão inseridos na Mediosfera ¹⁷ de Malena Contrera:

Resumidamente compreendemos, então, que a produção cultural do capitalismo atua a partir do esvaziamento simbólico da Noosfera (Mediosfera), estabelecendo uma relação de dependência entre o funcionário e o aparelho (em duas versões: a primeira, tangível, caracterizada pelo *hardware* e a segunda, intangível, sob a responsabilidade do *software*), sendo a natureza

¹⁶ Baitello Jr., N. Silva, M. - Vínculos hipnógenos e vínculos culturais nos ambientes da cultura e da comunicação humana.

¹⁷ Veja-se Contrera (2010): “É preciso reiterar que não estamos propondo que a Mediosfera seja uma esfera à parte da Noosfera, mas que, como um núcleo no âmago desta, cresceu e inflou titanicamente de modo a vampirizar aos poucos a energia dos outros conteúdos da Noosfera, pressionando os limites da primeira por dentro. A analogia com um tumor pode ser de mau gosto, mas parece bem real”.

de tal vínculo estabelecida a partir de relações lúdicas. (BAITELLO Jr.; SILVA, 2013).

Em síntese, tanto Flusser (2002) como Baitello Jr. e Silva (2013) percebem que quando o aparelho está na centralidade, o produto consome o próprio funcionário, seu tempo de vida. Diferentemente de quando o homem consumia, que é um atributo natural humano, consumir é necessário, e não ser consumido. A gula exposta neste trabalho, faz do homem um cão que corre e come histericamente seu próprio rabo. E, por ambição, faz tudo pelo capital. A busca por ser o primeiro do aparelho faz surgir um consumo desenfreado, obsolecente e fortificado pela publicidade e propaganda (a qual também incentiva a comunicação por meio dos aparelhos) e, por fim concretiza-se os vínculos hipnóticos. Fala-se em “Desenvolvimento Sustentável”, mas o que seria isso senão um termo totalmente contraditório? Um paradoxo fantasiado de publicidade para o homem fazer um autoengano e poder ainda continuar consumindo.

REFERÊNCIAS

CONTRERA, Malena Segura. **Mediosfera: meios, imaginários e desencantamento do mundo**. 2ª Ed. São Paulo: Annablume, 2010.

CRITELLI, D. **Martin Heidegger e a essência da técnica**. São Paulo, Margem n. 16, 83-89, dez. 2002. Disponível em: <http://www.pucsp.br/margem/pdf/m16dc>. Acesso em 15 de junho de 2014.

CULT. São Paulo: Ed. Bregantini, 2014, n. 187.

ÉSQUILO. **Prometeu Acorrentado**. Tradução J.B. de Mello e Souza. Versão Eletrônica, 2005.

NEDER, Ricardo T. **Andrew Feenberg: racionalização democrática, poder e tecnologia**. Brasília: Observatório do Movimento pela Tecnologia Social na América Latina/Centro de Desenvolvimento Sustentável - CDS. Vol. 1. Número 3. 2010.

FLUSSER. V. **A História do Diabo**. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **Da religiosidade – a literatura e o senso de realidade**. São Paulo, Ed. Escrituras, 2002.

_____. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. São Paulo, Hucitec, 1985.

OLIVEIRA, D. N. **Técnica** In: MARCONDES FILHO, Ciro. (org.) **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2014.

RUDIGER, F. **Tecnologia** In: MARCONDES FILHO, Ciro. (org.) **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2014.

SOUZA, D.A. **O desencantamento do mundo**. *Último Andar*, São Paulo, 15, 153-162, dez. 2006.

SILVA, M. R.; BAITELLO, N.; Vínculos hipnógenos e vínculos culturais nos ambientes da cultura e da comunicação humana. Grupo de Trabalho Comunicação e Cultura do XXII Encontro Anual da Compós, na Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2013.

MEEKER, Mary. 2013 Internet Trends., disponível em: <<http://www.kpcb.com/insights/2013-internet-trends>>. Acessado em 30 mar 2015.